

Só Justiça encerra disputa de pataxós e fazendeiros

Sul da Bahia/Foto "A Tarde"



O cacique Saracura orienta os pataxós na Fazenda São Lucas

Pau Brasil (BA) — Índios pataxós ha-ha-ae e fazendeiros dos municípios de Pau-Brasil, Itaju do Colônia e Camacã têm um consenso: enquanto não for definitivamente decidida na Justiça a questão da posse de 36 mil hectares disputados por eles, o clima na região Sul da Bahia será sempre de tensão, com possibilidades de conflito armado.

Semana passada, índios e capangas de fazendeiros voltaram a preparar armas, na expectativa de uma luta armada. Desta vez, os ânimos esquentaram em função do anúncio, pela imprensa, de que a nova direção da Funai iria expulsar os arrendatários da antiga reserva indígena Caramuru-Paraguaçu. Na verdade, a Comissão designada pelo presidente da Funai, Jurandir Fonseca, foi à região apenas fazer um levantamento dos 400 fazendeiros que há muitos anos não pagam o arrendamento.

Reféns

Frustrados com a informação dos membros da Comissão — de que não foram lá expulsar os fazendeiros, mas apenas manter contatos

com eles — os índios fizeram reféns esses funcionários da Funai: o sertanista Cornélio Oliveira, os engenheiros Luís Carlos da Silva e Manoel Barbosa Filho e o chefe do posto Paraguaçu-Caramuru, Rômulo Siqueira de Sá.

Segundo Cornélio Oliveira, chefe da comissão, durante quatro dias foram mantidos na sede do posto sob forte vigilância e constantemente eram ameaçados de morte pelos índios. O Governo do Estado deslocou tropas da Polícia Militar para a área, mas não foi preciso intervir. Com receio de perder as terras que ocupam, em alguns casos há dezenas de anos, os fazendeiros reuniram-se quase diariamente e formaram comissões para pressionar as autoridades.

Os integrantes da comissão só foram liberados depois que o cacique Néelson Saracura voltou de Brasília, onde negociou com a direção da Funai a inclusão de dois índios na comissão. Enquanto eles estiveram como reféns, os sete funcionários que normalmente trabalham no posto da Funai — dois professores, dois enfermeiros, um técnico agrí-

cola, um motorista, um tratorista — foram mantidos em liberdade, desenvolvendo tranquilamente suas atividades.

Ao deixar a Fazenda São Lucas, os quatro reféns saíram certos de que a intenção dos índios era fazer dos sete funcionários também reféns, segundo Cornélio Oliveira. Depois, os pataxós ha-ha-ae desistiram. Preferiram negociar com a Funai melhor assistência imediata à tribo e visita do cacique Saracura com mais seis índios ao presidente do órgão em Brasília, na próxima terça-feira.

O sertanista Cornélio Oliveira acredita que, agora, a situação se acalme, a partir da assistência material e médica que será dada pela Funai, pois "os índios foram levados ao desespero pela situação de penúria e dificuldades que enfrentam".

Contou que, há dois anos, os pataxós ha-ha-ae estão plantando na Fazenda São Lucas, uma área de 1 mil 200 hectares onde estão concentrados os índios. Mas a seca destruiu praticamente tudo. A Funai vinha reduzindo a quantidade

de alimentos que mandava para eles — enquanto crescia o número de índios que retornavam às terras de origem — e não há sequer água para beber, pois o córrego é de água salobra.

No momento, os índios ocupam apenas a Fazenda São Lucas, que foi retomada do agropecuarista Jenner Rocha há dois anos. Eles querem de volta um total de 36 mil hectares. Esta área, que os pataxós ha-ha-ae, através da Funai, reclamam na Justiça Federal, tem, no Leste, uma linha reta de 48 quilômetros ligando a margem do rio Colônia à margem do rio Pardo. Ao Norte, faz limites com uma propriedade de Archimedes Amazonas e Artemiro Fontes e, ao Sul, com o povoado de Água Branca.

O limite Oeste se caracteriza por apresentar uma linha quebrada com 12 ângulos quase em zigue-zague, geralmente por cima das serras ou acompanhando margens de córregos. Porém, esta linha tortuosa se interrompe na localidade de Varadouro, não chegando a fechar com o ponto Sul no rio Pardo, devido à interrupção da medição.

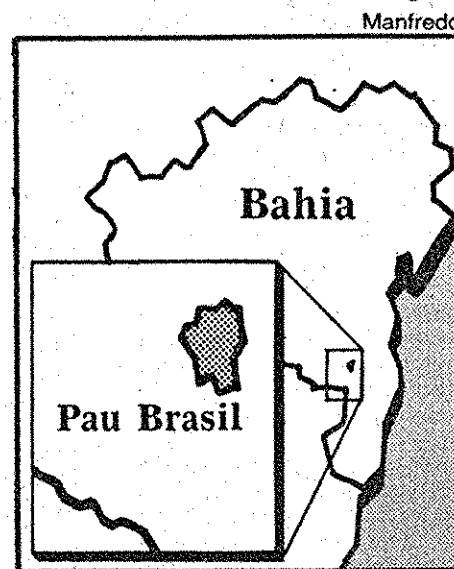
Governo criou a reserva indígena em 1926

Salvador — A ocupação da área entre os rios Colônia e Pardo por índios pataxós ha-ha-ae, botocudos, camacãs, tupiniquins, meniens e quiriris está documentada desde 1610, segundo levantamento feito pelo Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

O avanço da civilização nessa área provocou uma crescente redução das terras habitadas pelos índios. Em 1926 foi criada uma reserva indígena de 50 léguas quadradas, através de lei federal. Dez anos depois, a reserva Paraguaçu-Caramuru foi demarcada, mas já mutilada, pois ficou em apenas 36 mil hectares.

Os conflitos começaram em 1937, quando o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) — depois transformado em Funai — arrendou parcelas da reserva a fazendeiros. Com atos violentos, arrendatários, posseiros e grileiros passaram a expulsar os índios, segundo a antropóloga Maria Hilda Paraíso, que conviveu com os pataxós ha-ha-ae durante mais de um mês.

Na década de 60, quando o posto do SPI foi fechado, os fazendeiros deixaram de pagar o arrendamento — concedido pelo Governo para a extração de vegetais e agricultura nas terras da reserva. Os contratos proibiam taxativamente a instalação de benfeitorias perma-



Pau Brasil é o centro do conflito

mentes, o que foi violado pelos arrendatários, segundo o presidente da Associação Brasileira de Antropologia, professor Pedro Agostinho.

O Departamento de Antropologia da UFBA garante que, apesar da progressiva ocupação por fazendeiros, os índios nunca

deixaram de manter na reserva contingentes de sua população, na maioria das vezes transformados em assalariados nas terras que legalmente lhes pertenciam. Outros, coagidos, refugiaram-se no posto pataxó de Porto Seguro. De lá saíram para a Fazenda Guarani, na jurisdição da Delegacia Regional da Funai em Governador Valadares, onde se abrigaram em 1981.

Antes, em 1978, o Governo da Bahia começou a distribuir títulos de posse de terra a centenas de fazendeiros que ocupavam a área da reserva indígena. Em abril de 1982, cerca de 60 índios voltaram e, com apoio da Funai e da Polícia Federal, instalaram-se na Fazenda São Lucas, expulsando os parentes de Jenner Rocha. Hoje, a comunidade é formada por 822 índios, incluindo pessoas que se casaram com pataxós ha-ha-ae nesses anos.

Depois da retomada, a Funai entrou com uma ação judicial requerendo a nulidade dos títulos dados pelo Estado. A Justiça Federal manteve os índios na Fazenda São Lucas, por decisão do juiz Lázaro Guimarães. Agora, o processo que decidirá sobre a saída ou não dos fazendeiros do restante dos 36 mil hectares tramita no Supremo Tribunal Federal, por envolver interesses da União (Funai), de um lado, e do Governo da Bahia, de outro.